



ESTADOS UNIDOS

Imigrantes caçados em plena Copa

O temido serviço anti-imigração, o ICE, retoma a ofensiva contra estrangeiros em meio à atenção atraída pelo futebol e captura 10 mil em cinco dias. Partidários de Donald Trump aplaudem, mas especialistas veem arranhão na imagem do país

» SILVIO QUEIROZ

Com a Copa do Mundo no centro das atenções dirigidas para os Estados Unidos, o Serviço de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos, mais conhecido pela temida sigla ICE, reforçou a caçada aos estrangeiros em situação irregular, aproveitando a concentração deles nas imediações de estádios ou mesmo nos locais onde torcedores se reúnem para acompanhar as partidas das seleções de seus países de origem. Em um intervalo de cinco dias, segundo fontes e relatórios internos a que teve acesso o jornal *'The New York Times'*, os agentes anti-imigração fizeram mais de 10 mil detenções sumárias — uma média de 2 mil por dia, ainda abaixo da meta de 3 mil determinada no ano passado, o primeiro desde o retorno de Donald Trump à Casa Branca.

“Desde o primeiro dia (do mandato), o Departamento de Segurança Interna (DHS, pela sigla em inglês) vem cumprindo a promessa do presidente Donald Trump ao povo americano de prender e deportar estrangeiros ilegais, incluindo assassinos, estupradores, pedófilos, integrantes de gangues e terroristas”, disse, em pronunciamento, um porta-voz do organismo, ao qual o ICE é subordinado. Mas, seguindo a orientação do secretário Markwayne Mullin, que no início do ano substituiu Kristi Noem à frente do DHS, as operações recentes vêm sendo conduzidas com discrição que faltou em seguidos incidentes que resultaram na morte de cidadãos norte-americanos, com uma onda de protestos em diversas cidades. Mullin colocou no comando do ICE um aliado próximo, Lance

Patrick T. Fallon/AFP



Forças de segurança diante de muro com a frase “f... ICE”, em referência à polícia da Imigração, no centro de Los Angeles

Schroyer, policial estadual sem antecedentes em órgãos federais.

A nova ofensiva ganhou aplausos de Mike Howell, que lidera um bloco de grupos anti-imigração sob o nome de Coalizão pela Deportação em Massa. Ele, no entanto, pediu “mais transparência” quanto aos resultados das operações. “São tantos números divulgados para a imprensa, com estimativas e especulações, que as pessoas ficam alheias a isso, esperando a publicação de dados que estariam sendo retidos”, afirmou Howell.

Imagem arranhada

“A atuação do ICE tem afetado a imagem externa dos EUA e mostra que o país está com carta branca da Fifa para fazer o que quiser. Ela nem sequer agiu para garantir dos direitos de quem tinha ingresso comprado”, observa Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB. Internamente, ao contrário, ele vê o retorno do ICE, ainda que discreto, como um reforço para “as estatísticas de

Trump, que quer livrar o país de todo tipo de ‘forasteiro’, como ele diz”. Menezes lembra que o ICE está prendendo “os que já estavam nos EUA e foram assistir a alguma partida, embora diversas associações de defesa de imigrantes tenham alertado para que eles evitassem esses locais, por conta da tecnologia de reconhecimento facial instalada nos estádios e das revistas rigorosas no entorno”.

O professor do Irel pondera que a ofensiva contra os imigrantes, durante a Copa, não é surpresa. “Estava

desenhado que os EUA impediriam parte dos torcedores estrangeiros de chegar ao país”, diz. “Mas sabemos que, desde janeiro de 2025, é um grande risco ir para lá, seja a trabalho, para estudar ou para turismo. Mesmo os que têm visto, podem não ser alvo do ICE, mas não estão a salvo de arbitrariedades.” Na avaliação do estudioso, a atenção pelo Mundial não coloca em segundo plano a ação do ICE. “Eles tentam utilizar isso para ampliar a ofensiva, mas os que se opõem seguem protestando.”

Palavra de especialista

Liderança em xeque

A imagem dos EUA já está bastante afetada por toda a presidência de Trump, com a guerra tarifária, o afastamento das organizações internacionais, a guerra no Irã e o próprio funcionamento da democracia. Ele é um presidente que incentivou a tentativa de ruptura institucional, um golpe de Estado, e foi reeleito. O próprio funcionamento da democracia está bastante comprometido. Ele vem atacando o Congresso, a Suprema Corte, a liberdade de imprensa.

O grande problema é que, desde que se tornaram hegemônicos, após a 2ª Guerra, os EUA usaram essa imagem como instrumento de manutenção da liderança internacional. Quando ela fica afetada, como atualmente, eles perdem esse instrumento, o chamado soft power, o poder brando, que é liderança pelo exemplo, não da imposição de força, que é o único instrumento que o Trump tem tentado — sem grande sucesso.

A Copa, é uma faca de dois gumes. A população mundial presta mais atenção nos jogos, mas nos EUA, as pessoas estão vivendo o dia a dia. A Copa não parece servir como uma distração que permita a Trump tomar ações radicais. (SQ)

Juliano Cortinhas, professor de relações internacionais da UnB



Arquivo Pessoal

GUERRA NA UCRÂNIA

O pior ataque russo a Kiev

Em uma etapa crítica da guerra com a Rússia, a capital da Ucrânia, Kiev, sofreu na madrugada de ontem o que as autoridades locais consideram o pior ataque aéreo à cidade desde o início do conflito, em fevereiro de 2022. No fim da noite, o balanço oficial dava conta de ao menos 25 mortos e 85 feridos. Nas ruas, moradores corriam para os abrigos antiaéreos, alguns carregando colchões. Cerca de 52 mil pessoas, incluindo 4,5 mil crianças, refugiaram-se em estações de metrô, o número mais alto dos últimos anos.

“Nunca tinha ido para um abrigo, mas hoje fiz isso pela primeira vez”, contou à agência de notícias France-Presse (AFP) Karina Taran, 25 anos, que percebeu a gravidade da situação quando os mísseis começaram a cair. “Peguei meu filho e simplesmente corri para o abrigo. Só saí na manhã seguinte.” Ao longo da noite, jornalistas da AFP ouviram explosões por várias horas. Em um dos bairros atingidos, um repórter viu equipes de resgate retirando um corpo entre os escombros.

O presidente Volodymyr Zelensky prometeu que o país revidará os ataques, e pediu aos Estados Unidos que concedam licença para a Ucrânia fabricar mísseis de defesa antiaérea Patriot, a fim de “impedir ataques como esses”. A Rússia, denunciou, “ataca exclusivamente alvos civis, para nos obrigar a Ucrânia a renunciar ao nosso Estado”, para depois acrescentar que “isso não acontecerá”. Zelensky renovou o chamado aos aliados

Tetiana Dzhaforova/AFP



Moradora examina sua casa na capital: bombardeio feroz

europeus para acelerar a ajuda em defesa antiaérea e debater o tema na cúpula da Otan, marcada para a próxima semana, na Turquia.

"Nunca antes"

Segundo a Força Aérea ucraniana, a Rússia lançou 496 drones e 74 mísseis entre a noite de quarta-feira e a madrugada de ontem. O prefeito da capital, Vitali Klitschko, declarou dia de luto na capital ucraniana, “em memória das vítimas do ataque mais maciço do inimigo”. Dezenas de moradores saíram dos abrigos pela manhã e encontraram seus apartamentos destruídos, e os pertences reduzidos a escombros. Sabina Mambetova, 32 anos, contou

à AFP que havia fugido de Kramatorsk, no leste, para se instalar em Kiev. “Já houve muitos ataques antes, mas nunca assim”, desabafou, descrevendo a situação como “um verdadeiro pesadelo”.

O Ministério da Defesa russo confirmou um “ataque intenso” contra a capital ucraniana, “em resposta aos ataques terroristas do regime de Kiev contra infraestruturas civis”. Alegou ter visado “empresas da indústria militar e instalações energéticas”. O Kremlin enfatizou que continuará “aumentando a pressão sobre o regime de Kiev para alcançar nossos objetivos estabelecidos”, declarou o porta-voz do presidente Vladimir Putin, Dmitry Peskov.

TRAGÉDIA NA VENEZUELA

Hospitais à beira do colapso

Passada uma semana dos violentos terremotos gêmeos que causaram mortes, destruição em massa e pânico no litoral da Venezuela — especialmente na região da capital, Caracas —, o sistema de saúde parecia ontem no limite do colapso, justamente quando milhares de feridos dependem de socorro. Hospitais de campanha dependem de geradores de eletricidade, centros de saúde abrigam familiares de médicos que perderam suas casas nos terremotos, e os hospitais regulares sofrem, além disso, com superlotação e escassez de medicamentos e equipamentos em geral.

O balanço oficial registrava 2,3 mil mortos e ao menos 11 mil feridos, além de um contingente da ordem de 50 mil desaparecidos. Estimativas das Nações Unidas e de agências humanitárias situam em um montante de US\$ 30 bilhões a US\$ 35 bilhões os custos para a reparação de danos e a reconstrução de edifícios, moradias em geral e infraestrutura destruídos ou danificados. A Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) lançou uma campanha internacional para arrecadar de imediato US\$ 24 milhões para financiar os primeiros seis meses de operações de ajuda na Venezuela após os sismos.

O Hospital Naval Raúl Perdomo Hurtado, de Catia La Mar, no estado de La Guaira, o mais atingido tremores, recebeu 450 feridos e registrou 100 mortes, segundo um médico que faslou, sob anonimato, para

Martin Bernetti/AFP



Padre oficia missa diante de prédio desabado: país esgotado

a agência de notícias France-Presse (AFP). Nas primeiras horas, uma centena de leitos foram improvisados em espaços abertos, por precaução contra possíveis réplicas sísmicas e pela falta de energia. Ontem, restavam 30 pacientes, e pelos corredores podem ser vistas crianças brincando, filhos de médicos desabrigados que estão acomodados temporariamente no local.

A destruição está exposta à vista Catia La Mar, a cidade menos turística de La Guaira, com dezenas de prédios e casas totalmente desabados, comércios fechados e as operações de resgate praticamente encerradas. Embora a eletricidade tenha voltado, o hospital ainda enfrentava restrições no

abastecimento de água. Por essa e outras razões, a direção da unidade não contemplava a ideia de iniciar uma segunda fase de atendimento aos mais de 15 mil desabrigados que se amontoam em acampamentos e abrigos improvisados no estado, onde só agora começam a chegar banheiros químicos e faltam chuveiros.

Na manhã de ontem, passados oito dias dos terrmotos, equipes de resgate retiraram com vida dos escombros de um prédio de sete andares o vigilante Hernán Gil, 43 anos, também em Catia La Mar. “É verdadeiro milagre”, disse à AFP sua esposa, Gusbimar González, depois que ele foi resgatado, sob aplausos.